



**NUNO OLIVEIRA &  
ANA M. S.  
BETTENCOURT**



# O POVOADO PROTO-HISTÓRICO DE SANTO ANTÓNIO (AFIFE, VIANA DO CASTELO): DADOS E REFLEXÕES SOBRE AS SUAS MATERIALIDADES

NUNO OLIVEIRA<sup>1</sup>, ANA M. S. BETTENCOURT<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Bolseiro de doutoramento em Arqueologia, FCT (Referência SFRH/BD/138105/2018), Universidade do Minho, Braga.

E-mail: ntco\_arque@sapo.pt;

<sup>2</sup>Departamento de História da Universidade do Minho; Investigadora do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT).

E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

## RESUMO

O povoado de Santo António está localizado numa pequena colina na planície do rio de Afife, nas proximidades de uma baía que corresponde a um porto natural. Insere-se na freguesia de Afife, concelho de Viana do Castelo, no noroeste de Portugal.

As primeiras referências ao local são feitas no séc. XIX, por Martins Sarmiento que refere o aparecimento de muralhas. No séc. XX é alvo de várias campanhas de escavação cujos resultados não se conhecem. De salientar a publicação de um molde de sítula e de várias cerâmicas aí encontradas (Silva, 1986) e a informação de Bettencourt (2013) que diz ter observado cerâmicas do Bronze Final provenientes do local. Apesar do sítio arqueológico estar bastante destruído existe espólio significativo, proveniente das antigas escavações, no Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA).

Este trabalho tem assim, como objetivo, dar a conhecer os resultados do estudo desse espólio, nomeadamente o cerâmico, e a partir dele, tirar ilações de ordem cronológica, económica e social sobre as populações que viveram no povoado de Santo António.

## PALAVRAS-CHAVE

Litoral minhoto; Povoado proto-histórico; Cronologia; Economia e Sociedade.

## **ABSTRACT**

The settlement of Santo António is located on a small hill in the Afife River, near a bay that corresponds to a natural port. This site is located in the parish of Afife, Viana do Castelo municipality, in the northwestern Portugal.

Martins Sarmento makes the first reference to the place in nineteenth century, which reports the appearance of walls. In the twenty century the place was excavated but the results of those works were never published. Of note is the publication of a metal cauldron (sítula) and of some ceramics vessels found there (Silva, 1986) and the information of Bettencourt (2013) that the place had an occupation of the Late Bronze Age. Although this archaeological site is heavily destroyed, there is a significant collection from the old excavations at the Amateur Archaeological Research Center of Afife-NAIAA (Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife-NAIAA).

The purpose of this work is to make known the results of the study of this collection, namely the ceramic, and from it, draw chronological, economic and social information on the populations that lived in the settlement of Santo António.

## **KEYWORDS**

Minho Coast; Proto-historic settlement; Chronology; Economy and Society.

## **1. INTRODUÇÃO**

O trabalho aqui desenvolvido sobre o povoado de Santo António insere-se num projeto mais vasto de estudo da Idade do Ferro intitulado “A Idade do Ferro do litoral dos rios Minho e Cávado. Materialidades, intercâmbio e traços de identidade”. Em concreto, este trabalho tem como objetivos dar a conhecer os resultados do estudo de algum do espólio cerâmico exumado neste povoado e, a partir dele, tirar ilações de ordem cronológico, económica e social sobre as populações que aí viveram.

## **2. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, CONTEXTO FÍSICO E AMBIENTAL**

Este povoado situava-se numa colina implantado na planície aluvial do rio de Afife, na freguesia de Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo. As suas coordenadas geográficas decimais no sistema WGS 84 são: 41° 46'52.88"N 8° 51'42.76" W. Fica a uma altitude máxima de 69 metros e a pouco mais de 700 metros da costa (Fig.1).

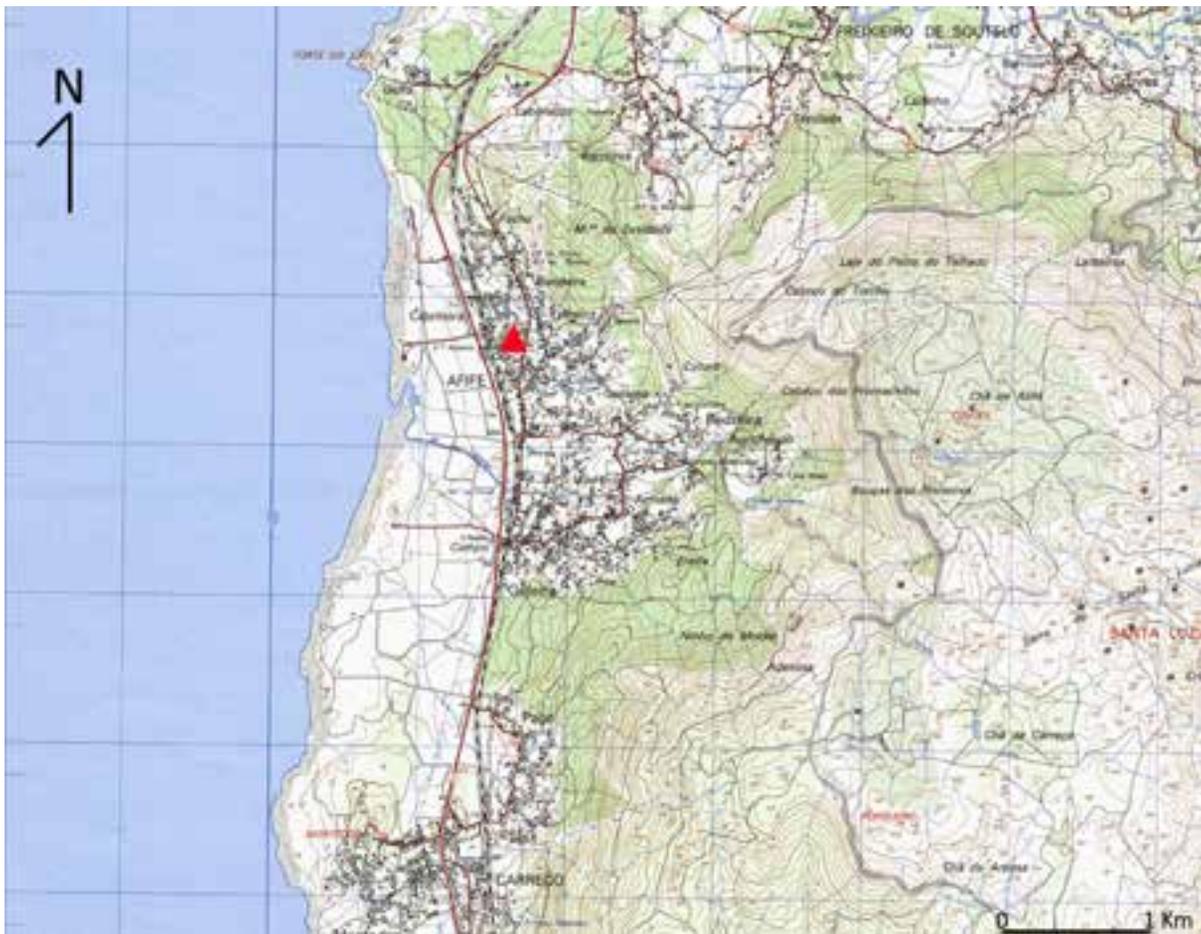


Fig. 1 - Localização do Povoado de Santo António, na Carta Militar de Portugal à escala 1:25000, folha 27, IGEOE, 2015, 3ª edição.

Do local existe ótima visibilidade para toda a planície aluvial e para o oceano atlântico, a partir do topo e do quadrante oeste. Em termos geológicos (Fig. 2) este povoado, implantado numa colina residual de substrato granítico-alcalino, de grão médio a fino, encontra-se sobranceiro a depósitos de praias antigas ou de terraços fluviais do Pleistocénico (Teixeira *et al.*, 1972).

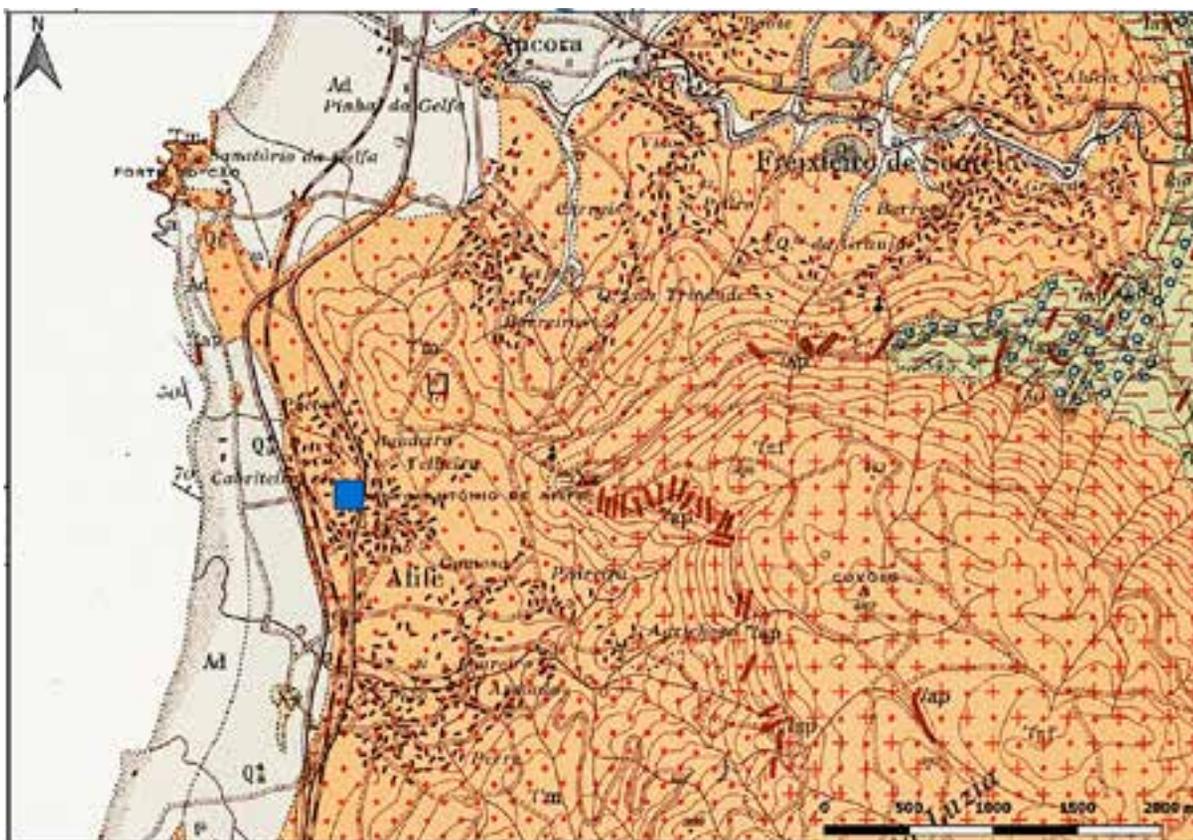


Fig. 2 - Localização do Povoado de Santo António, na Carta Geologica de Portugal, à escala 1:50.000, folha 5-A (DGMSG).

Em termos dos recursos mineiros metálicos, há jazidas primárias de estanho a 13 km para este (Teixeira *et al.*, 1972), sendo, no entanto, conhecidas da população local antigas explorações de estanho, no alto da serra de Santa Luzia. Ao nível dos recursos mineiros não metálicos, chama-se a atenção para a possibilidade de exploração de sal, já que, na freguesia de Carreço e de Afife, se conhecem inúmeras pias escavadas nos afloramentos da linha da costa, consideradas para esse efeito e emergentes na Idade do Bronze (Bettencourt *et al.*, 2020) ou do Ferro (Almeida, 2005; Costa *et al.*, 2012).

O lugar encontra-se alterado pela construção da capela de Santo António e escadaria de acesso ao topo. A pequena estrada de acesso ao monte, também, destruiu parte das evidências arqueológicas, assim como o casario implantando nas suas vertentes nordeste, sul e sudeste.

### 3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O povoado proto-histórico de Santo António situa-se num território com inúmeros vestígios arqueológicos da Idade do Bronze e do Ferro. Para a Idade do Bronze há referências ao achado de um machado de talão, de proveniência desconhecida (Meira, 1945), e às gravuras de Santo António, em Âncora, com representações de armas, barquiformes, equídeos e cavaleiros armados de Santo Adrião, em Âncora (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017). Da Idade do Ferro há a registar diversos povoados, como o da Cividade de Afife/Âncora, o do Cúture e o de Montedor (Silva, 1986), a diferentes cotas e que delimitam o vale de Afife, de norte a sul, respetivamente (Fig. 3). De registar, ainda, as gravuras rupestres do Bronze Final ou da Idade do Ferro da Praia de Fornelos (Bettencourt *et al.*, 2017).

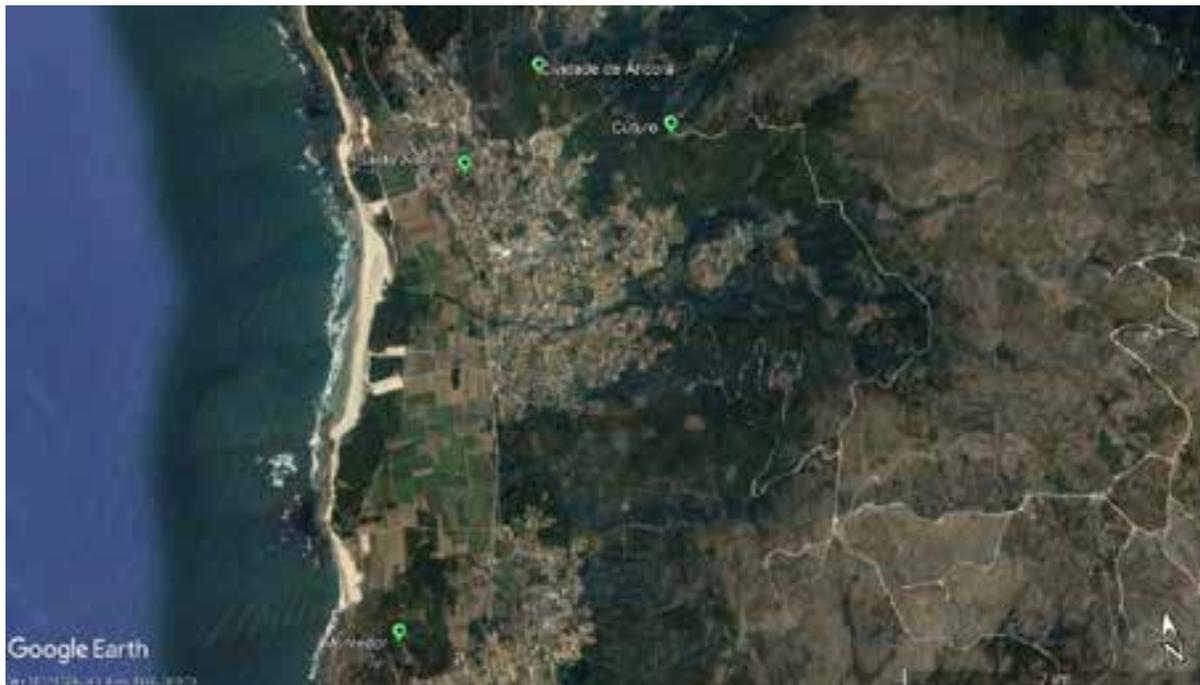


Fig. 3 - Em cima: fotografia de satélite (*Google Earth*) do curso inferior da bacia do rio de Afife, com implantação de diversos povoados da Idade do Ferro.

#### 4. HISTORIAL DA INVESTIGAÇÃO

A primeira referência a este povoado é do séc. XIX, produzida por Francisco Martins Sarmento. Este autor afirma que aí “*se viam duas muralhas e talvez dois taludes. Refere ainda que encontrou telha com rebordo (tégula)*” (Sarmiento, 1987: 8). Na primeira metade do séc. XX o local é novamente referenciado por Abel Viana, que relata o aparecimento, na vertente sul, de uma estrutura circular muito destruída. Em 1955, este autor diz ter aparecido uma inscrição, nesse mesmo ano, enquanto se procedia à abertura de uma estrada, na vertente ocidental deste monte (Viana 1955: 526; Moreira, 1982: 56), pelo que não se sabe se estaria no interior ou no exterior do povoado. A inscrição foi recentemente interpretada como um provável cipo, por Armando Redentor (2011). Abel Viana refere, ainda, que o Padre Carvalho da Costa, na sua obra *Chorographia Portugueza*, tratando da freguesia de Afife menciona a existência, perto da igreja, de “num monte não muito grande cujo cume possui vestígio de um forte antigo” (Viana, 1955: 527). Em 1956, Paço e Quesado referem que a construção da estrada de acesso ao monte revelou um pano de muralha, uma casa circular e algum espólio.

Durante a segunda metade do séc. XX, mais concretamente em 1978, 1979, 1980, 1981 e 1982<sup>1</sup> houve escavações arqueológicas no início das vertentes noroeste, oeste e sudoeste do Monte de Santo António. Esta informação está de acordo com algumas etiquetas do material cerâmico e com algumas fotografias, em depósito, no Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA), embora não se conheçam os relatórios destes trabalhos (Fig. 4).

---

<sup>1</sup>Informação transmitida pelo Sr. Engenheiro Horário Faria, fundador do NAIAA.



Fig. 4 - Fotografia das antigas escavações que se desenrolaram no local nos anos 80 do século XX (cortesia do NAIAA).

Destas ações terá resultado a descoberta da maioria das estruturas em pedra que ainda hoje se podem ver sobre a vegetação arbustiva, no topo das vertentes norte, oeste e sudoeste. Referimo-nos, por exemplo, na vertente norte, ao que parece ser um muro de contenção ou de delimitação de áreas, com cerca de 50 cm de espessura, e uma casa redonda; e na vertente oeste, a várias casas redondas e a uma de contorno oval que resultou do acrescento de uma estrutura circular.

Em 1983 e 1986 Armando Coelho Ferreira da Silva publica dois moldes de sítula daí oriundas, e que insere na sua fase IIIA (entre os séculos II a.C. e I a.C.). Em 1986 publica, também, dois recipientes cerâmicos encontrados em 1978: um púcaro, que insere na sua fase II (entre os séculos VI a II a.C.) e uma panela, que insere na fase III, sem especificações, ou seja, entre os séculos II a.C. a I d.C. Estabelece, assim, uma diacronia de ocupação para este local, com um momento que coloca na Idade do Ferro e outro no câmbio de era.

Carlos Brochado de Almeida (2003:141), refere que aí terão existido atividades ligadas

à metalurgia do bronze, tendo em conta os moldes de sítula estudados por Silva (1986:134 e atividades associadas à produção e comercialização do sal, devido à sua localização litoral (Almeida, 2008: 117). Admite que aí poderiam ter existido até três muralhas neste local (Almeida, 2008:155).

Ana M. S. Bettencourt (2013), após ter observado algumas cerâmicas provenientes deste sítio, identifica aí uma ocupação do Bronze Final.

O historial deste sítio arqueológico, a sua localização geográfica e a existência de espólio e de alguma documentação fotográfica, em depósito no NAIAA, tornou pertinente o seu estudo. No entanto, este restringiu-se apenas ao acervo cerâmico pois, apesar de Rodrigues (2015) referir que, durante trabalhos de prospeção realizados em 2005, terem sido aí identificadas várias mós, as que existem, em depósito no NAIAA, não estão identificadas.

## **5. METODOLOGIA**

O material aqui publicado corresponde a uma breve amostra do conjunto cerâmico proveniente deste povoado, embora ele tivesse sido estudado na totalidade para futura publicação monográfica. Na ausência de contextos estratigráficos para o acervo de Santo António, o estudo dos materiais cerâmicos e as inferências que, a partir deles se realizam, foram efetuadas com base nas suas características técnicas, formais e decorativas e com recurso a paralelos com materiais contextualizados. Usaram-se como tabelas tipológicas de referência as de Bettencourt (1999; 2000) para a Idade do Bronze, e a de Martins (1987; 1990) para a Idade do Ferro e romanização. Foram, também, consultadas as tabelas de formas de Silva (1986) e de Rey Castiñeira (1991: 468-469), estas últimas referente à Galiza. Para o estudo dos cossoiros foi usada a tabela de Silva e Oliveira (1999).

## **6. ESTRUTURAS**

Quanto às estruturas escavadas durante os anos 80, existem, a meio da vertente oeste, pelo menos, duas casas redondas, e na vertente sudoeste, pelo menos, uma casa de contorno oval (Fig. 5)



Fig. 5 - À esquerda: estruturas circulares da vertente oeste do Monte de Santo António; à direita: estrutura oval existente na vertente sudoeste do Monte de Santo António (Fotografia dos autores).

É possível, também, observar-se parte do pano de muralha ou de um muro de contenção, no início da vertente norte, com um aparelho muito irregular (Fig. 6).



Fig. 6 - Vestígios de pano da muralha ou de muro de contenção de terras, existente na vertente norte do Monte de Santo António (Fotografia dos autores).

Há ainda vestígios de taludes, nas vertentes norte, este e oeste. O início da vertente este encontra-se, aparentemente, bem preservado.

## **7. MATERIAL CERÂMICO**

O material que foi estudado terá sido exumado – provavelmente – dos locais onde se encontram as estruturas a descoberto, ou seja, dos inícios da vertente norte e do meio das vertentes oeste e sudoeste do monte.

O conjunto cerâmico que se publica, corresponde a 376 de fragmentos e foi separado em dois grandes grupos técnico-formais: um nitidamente mais antigo, com cerâmicas de fabrico manual, pastas essencialmente arenosas e cozeduras redutoras, atribuíveis ao Bronze Final, e outro da Idade do Ferro Recente ou dos inícios da Romanização no Noroeste, com pastas de fabricos manuais e à roda e ou torno, pastas fundamentalmente micáceas e cozeduras redutoras e oxidantes.

### **7.1. IDADE DO BRONZE FINAL**

No que diz respeito aos fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze Final, num total de 114, estes apresentam apenas fabricos manuais, pastas arenosas (86%) e arenosas-micáceas (14%). As cozeduras são totalmente redutoras conferindo cores escuras aos recipientes, entre o castanho escuro e o cinzento. Quanto ao tratamento das superfícies estas são, na sua maioria, polidas (57%) seguidas das alisadas (43%).

Identificaram-se diversas formas indígenas, como potes (4 exemplares) e potinhos/púcaros - forma 10 (9 exemplares). Os potes são das variantes 1b (2 exemplares), 1c (1 exemplar) e 2 (1 exemplar) (Figs. 7, 8 e 9). Há dois bordos cujas formas não se conseguiram determinar. Há ainda um vaso que não possui bordo, de corpo ovoide e base de fundo plano simples, que não existe na tabela tipológica de Bettencourt (1999; 2000) (Fig. 11).

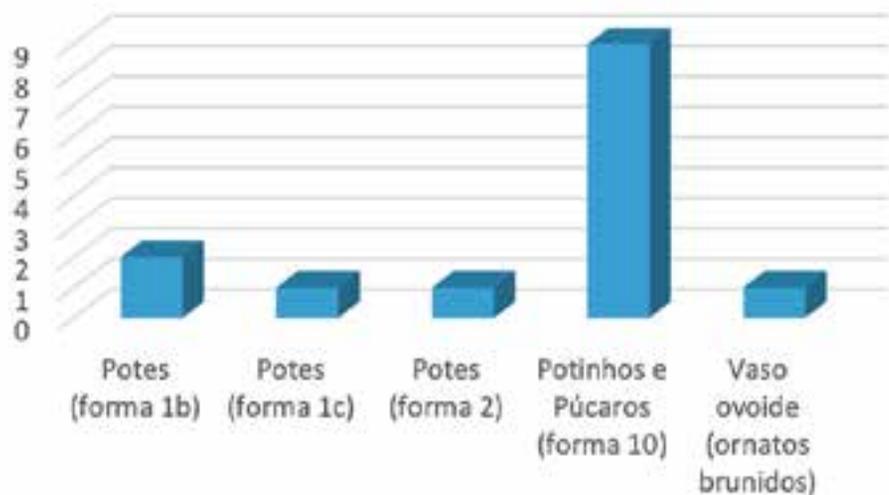


Fig. 7 - Universo de formas atribuíveis à Idade do Bronze Final.

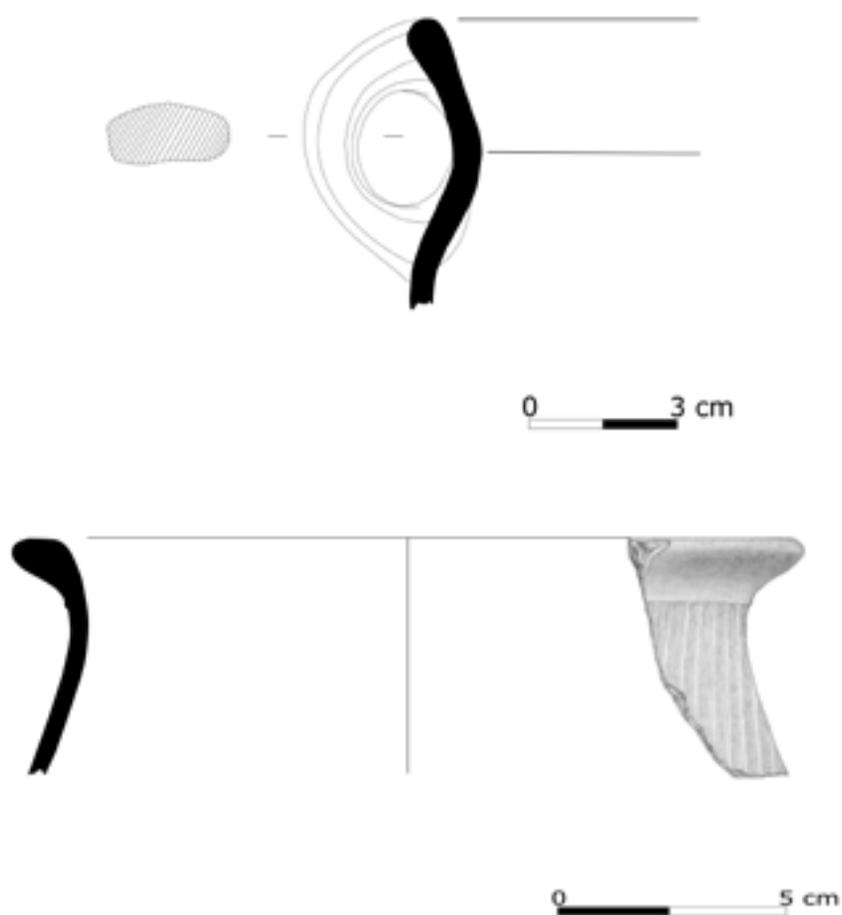


Fig. 8 - De cima para baixo: púcaro (forma 10) com asa de seção pentagonal; pote com bordo em aba horizontal (forma 1c) com a particularidade de ter decoração brunida a partir do colo.



Fig. 9 - Pote da variante 2 com decoração brunida a partir do colo.

No que diz respeito às bases são todas de fundo plano simples (Fig. 10).

Quanto às técnicas decorativas podemos dizer que são variadas. Há recipientes decorados com impressões ou puncionamento (1 ex.); com aplicações plásticas, nomeadamente cordões na horizontal (3 ex.); com incisões através de sulcos na horizontal e na vertical (11 ex.) e com decorações brunidas (14 ex.). Estas são maioritárias (Figs. 8 a 11). No âmbito deste grupo, os motivos decorativos também são diversificados, embora se note uma maioria de recipientes com traços na vertical. Boa parte das linhas brunidas na vertical começam a partir do colo. De destacar três fragmentos de paredes junto à base, decorados com esta temática (Fig.8). No entanto não sabemos se os vasos eram totalmente decorados, por falta de perfis completos.



Fig. 10 - Base de fundo plano simples e pança decorada com traços brunidos na vertical.

Ocorre, ainda, um recipiente com perfil quase completo, com vários traços brunidos na horizontal, junto ao bordo e junto à base, e retícula brunida, distribuída por toda a pança. Trata-se de uma peça que se pode integrar no grupo conhecido como cerâmica de ornatos brunidos, nomeadamente retícula brunida (Fig. 11).



Fig. 11 - Vaso ovoide de retícula brunida.

De salientar um fragmento de base de um cadinho que tanto poderá ser deste período, como da Idade do Ferro, mas cuja pasta é muito arenosa pelo que se aproxima das cerâmicas deste conjunto. Apresenta aderências metálicas do que parece uma liga de cobre<sup>2</sup> (Fig. 12).

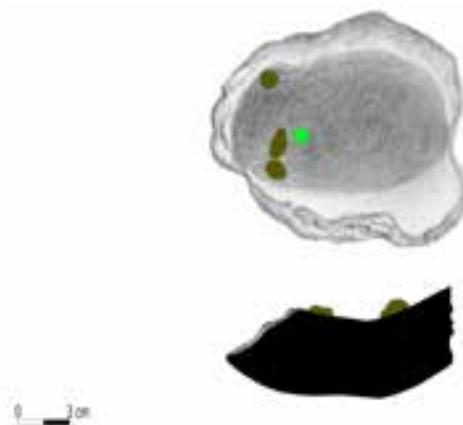


Fig. 12 - Base (?) de cadinho com aderências metálicas.

---

<sup>2</sup>Aguardam-se os resultados de composição química das amostras retiradas.

## 7.2 IDADE DO FERRO – CERÂMICA INDÍGENA

O material cerâmico da Idade do Ferro, num total de 262 fragmentos, apresenta, em termos técnicas, fabricos essencialmente manuais (86,3%), apesar de existirem alguns à roda ou a torno (13,7%). As pastas são maioritariamente micáceas (94%), com as restantes 6% arenosas. As cozeduras são tendencialmente oxidantes, o que confere aos recipientes cores beges, amareladas e alaranjadas (19%), embora persistam cozeduras redutoras (81%). No que diz respeito às superfícies estas apresentam-se, na sua maioria, polidas (65%), sendo as restantes alisadas.

Foram estudados 175 bojos, 51 bordos, 25 bases, 9 asas, 1 cossoiro e 1 cadinho.

Do total de 51 bordos, 23 são esvasados, 13 abertos, 14 em aba soerguida e 1 em aba horizontal. A partir destes identificaram-se diversas formas a saber: potes, potinhos/púcaros, malgas/tigelas, panelas de asa interior, talhas e panelas de asa em orelha (Tab. 1).

**TAB. 1 – TABELA DE FORMAS**

FORMAS	QUANT. (%)
Potes (forma 1 <sup>3</sup> e de tipo Vigo <sup>4</sup> )	22 (43,1%)
Potinhos/Púcaros (forma 2)	13 (25,5%)
Panela de asa interior (forma 4)	9 (17,6%)
Malgas/tigelas (forma 3)	4 (7,8%)
Talha (forma 5)	1 (2%)
Panela de asa em orelha (forma 6)	2 (3,9%)
<b>Total</b>	<b>51 (100%)</b>

Há uma maior prevalência das formas de potes, com diferentes variantes (1a, 1b e 1c) (Tab. 2).

**TAB. 2 - VARIANTES DA FORMA 1 - POTES**

FORMAS	QUANT. (%)
Forma 1a	9 (41%)
Forma 1b	10 (45%)
Forma 1c	1 (5%)
Potes de tipo Vigo	2 (9%)
<b>Total</b>	<b>22 (100%)</b>

<sup>3</sup>Da tipologia de Martins (1990).

<sup>4</sup>Da tipologia de Rey Castiñeira (1992).

De salientar a fraca representatividade dos potes da forma 1c que se caracterizam por terem bordo em aba horizontal. De destacar o aparecimento de duas formas de potes que apresentam lábios com reforço triangular, com afinidades com a tipologia dos de tipo Vigo, segundo a tipologia de Rey Castiñeira (1991: 295 e 392). Um deles é decorado com várias linhas incisadas, no bordo exterior (Fig. 16).

Quanto à forma 2 (potinho/púcaro), à forma 3 (malga/tigela) e à forma 4 (panela de asa interior), também há variantes. Referimo-nos à forma 2c - potinho com bordo em aba soerguida (1 exemplar); às formas 3b - malgas (2 exemplares); forma 3c - tigela (1 exemplar); forma 4 - panelas de asa interior (8 exemplares); forma 4b - panela de asa interior com mais de 40 cm de diâmetro (1 exemplar) (Figs. 13 e 15).

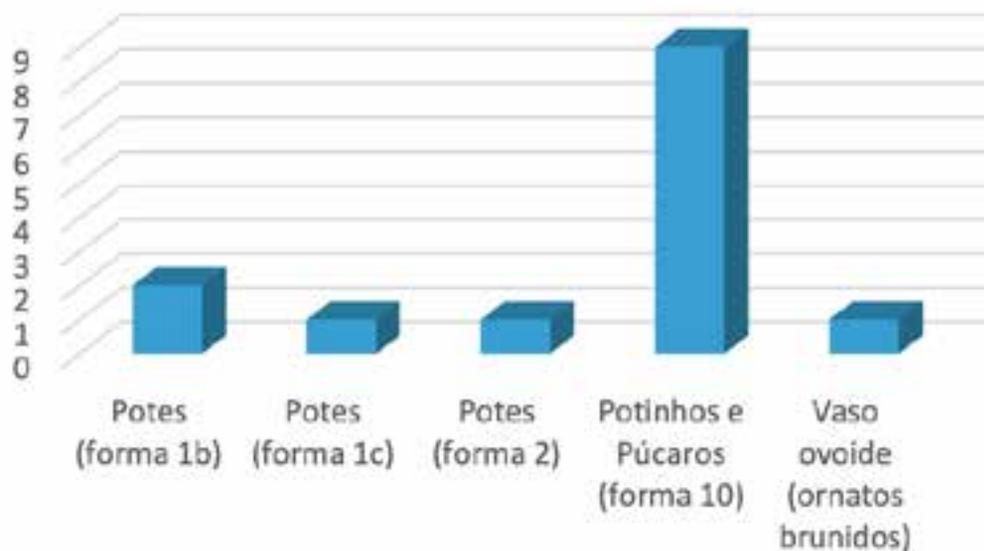


Fig. 13 - Universo de formas estudadas da Idade do Ferro Recente.

Quanto à forma 5 - talha, de pequenas dimensões, com diâmetro inferior a 30 cm diâmetro, apenas há um 1 exemplar. A forma 6 - panela de asa em orelha está representada por dois exemplares de asas distintas. A primeira possui a perfuração central e circular e na segunda asa a perfuração não é possível verificar porque o fragmento encontra-se muito rolado (Fig. 14).

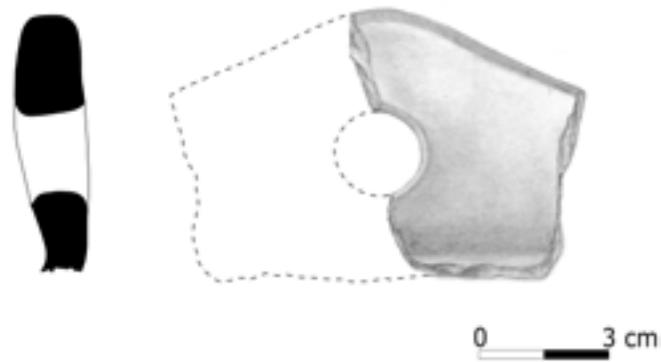


Fig. 14 - Asa de panela de asa em orelha (Forma 6).

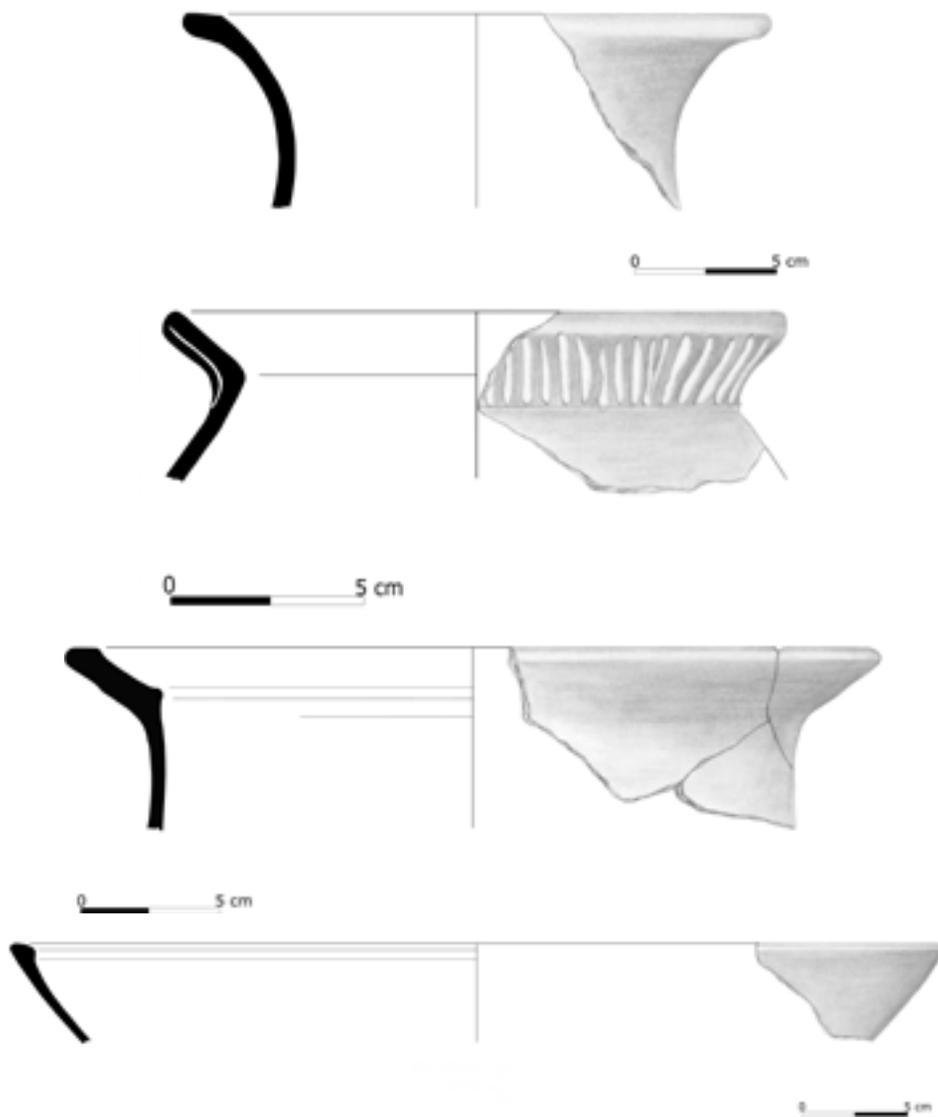


Fig. 15 - Formas cerâmicas: pote (forma 1c); pote de tipo Vigo; talha (forma 5b) e panela de asa interior (forma 4).

A este mundo cronológico-cultural deverá pertencer, ainda, um fragmento de cossoiro de tipo bulboso e achatado, segundo a tipologia de Silva e Oliveira (1999), de pasta micácea e um pouco rolado; os moldes cerâmicos de sítulas (decoradas com círculos concêntricos, armelas e entrelaçados) (Fig. 17 a) publicados por Silva (1986) e, pelo menos, um dos fragmentos de cadinho com aderências metálicas, que macroscopicamente e à lupa binocular, parecem ser de minério de ferro (Fig. 17 b).

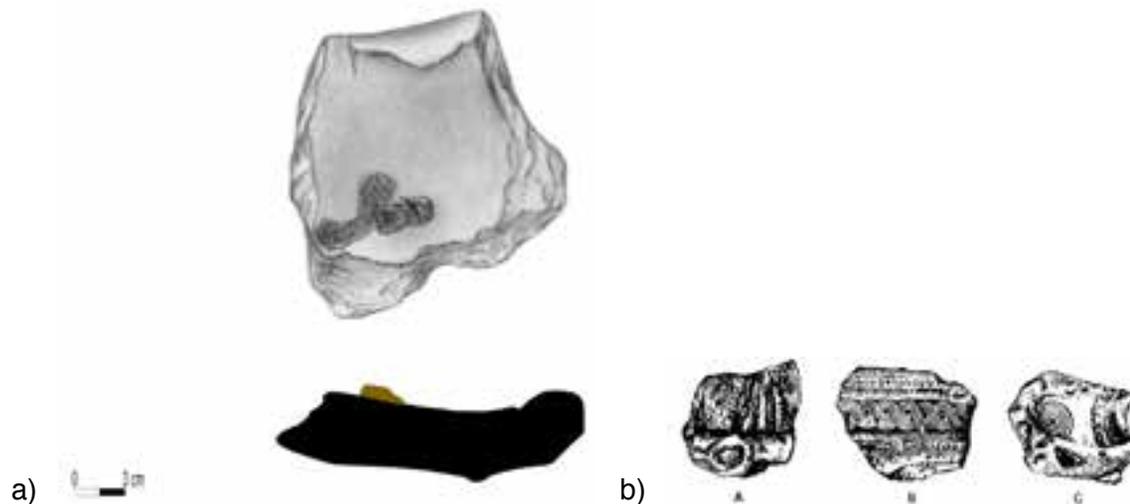


Fig. 17 - a) fragmento de cadinho com aderências do que parece minério de ferro; a) Moldes de sítula (seg. Silva, 1986).

As bases são de fundo plano simples (5 exemplares) ou alargado (10 exemplares) e de pé alto (1 exemplar) (Fig. 18). Ainda se registaram 5 exemplares indeterminados.



Fig. 18 - Base pé alto.

As asas apresentam seções variadas. Além das asas em orelha, registaram-se 3 exemplares de seção pentagonal, 1 asa de seção em fita, 1 asa subcircular, 1 asa oval, 1 asa de canelura central e 1 asa com duas caneluras longitudinais.

Ainda foram estudados, pormenorizadamente, 52 bojos e 3 bordos decorados. Os fragmentos decorados representam (21%) do total do acervo cerâmico. Em termos da localização, a decoração é sempre parcial, e ocorre, maioritariamente, na passagem do colo para a pança, sendo, facilmente, observável, a partir de cima.

As técnicas usadas foram a incisão, a impressão e a aplicação plástica. Os recipientes foram decorados quer apenas com uma técnica (decoração simples) quer através da combinação de várias técnicas (decoração compósita). Na primeira categoria (29 exemplares - 54%) os motivos incisos são os mais comuns (22 ex.), existindo alguns recipientes com decoração brunida (5 ex.). Ocorrem algumas digitações (1 exemplar). Há apenas um fragmento com impressão.

Na decoração compósita (25 exemplares - 46%) ocorrem motivos realizada através da incisão e da impressão (14 ex.) ou através da aplicação plástica, da impressão e do brunido (3 ex.), entre outros (Fig. 19).

Em termos dos motivos, a incisão está representada por sulcos na horizontal, na vertical, por reticulados, ou definindo triângulos preenchidos.

A aplicação plástica está representada por cordões horizontais, em grupos de 2 ou de 3.

Nas impressões são comuns as séries de SSS, os círculos concêntricos, os pequenos quadrados e elementos figurativos, como peixes e motivos florais (Fig. 21).

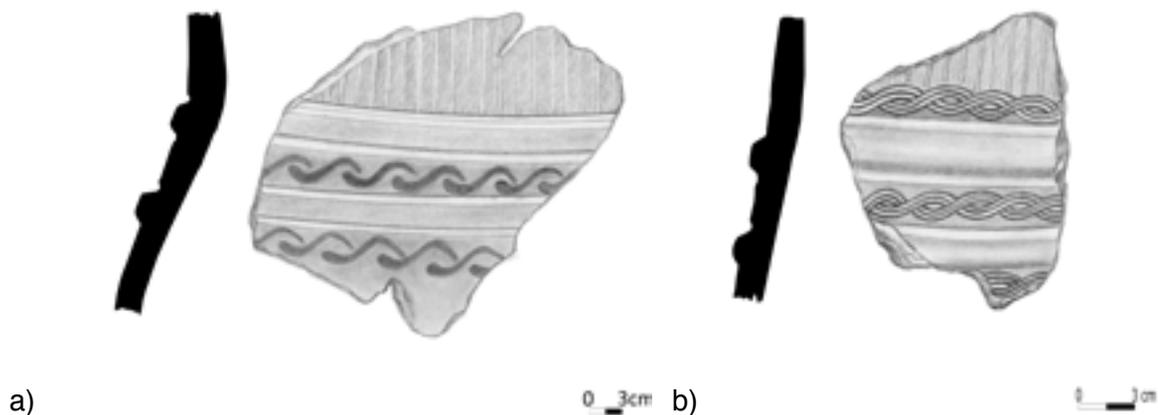


Fig. 19 -Fragmentos decorados com diferentes técnicas: a) Fragmento cerâmico decorado com linhas brunidas (verticais), sulcos horizontais incisos, séries de SSS e cordões aplicados na horizontal; b) Fragmento cerâmico decorado com linhas brunidas (verticais), sulcos incisos na horizontal, séries de SSS entrelaçados impressos e cordões aplicados na horizontal.

### 7.3. IDADE DO FERRO – CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO OU IMITAÇÃO DE FORMAS EXÓGENAS

Os materiais de influência romana correspondem a 30 fragmentos. Entre eles identificou-se um bordo micáceo de produção local, mas com uma aguada ou espécie de engobe negro que, pela forma, parece uma imitação de cerâmica cinzenta fina, do sul da Ibéria, nomeadamente da forma 2 de tipo Lamboglia, datadas dos séculos II / I a.C. (Fig. 20a); uma asa de ânfora de tipo Haltern 70 (finais do século I a.C. e século I d.C.); um fragmento de cerâmica fina tipo bracaraense (meados do século I e II d.C.); um bordo feito a torno mas com pasta micácea que parece ser uma imitação de uma forma de cerâmica comum romana (Fig. 20b). Há ainda materiais de construção, como escassos fragmentos de tégula.

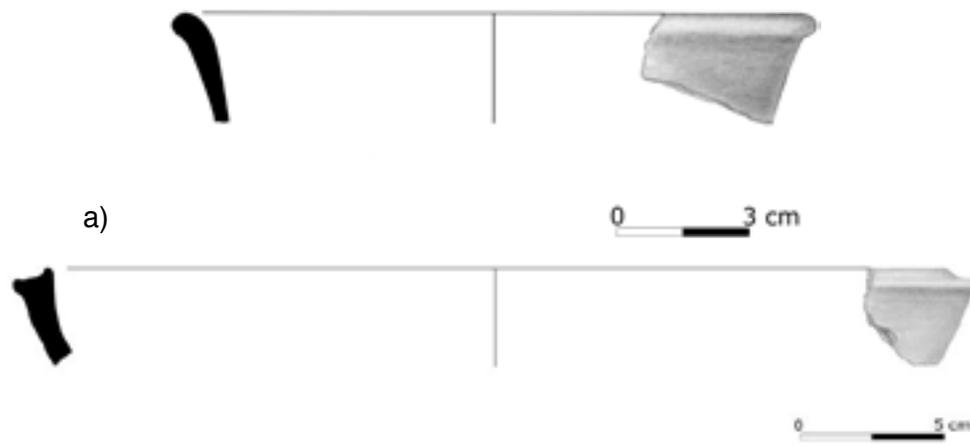


Fig. 20 - Formas cerâmicas: a) Imitação de cerâmica cinzenta fina, do sul da Ibéria Forma 2 tipo Lamboglia; b) Forma comum romana de pasta micácea.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira ilação que se pode tirar, atendendo aos fragmentos cerâmicos estudados, é que houve no Monte de Santo António, pelo menos, duas ocupações cronológico-culturais, bem distantes uma da outra: uma do Bronze Final e a outra, possivelmente dos finais da Idade do Ferro com continuidade para os primórdios da romanização.

A ocupação mais antiga, pode datar-se pela presença de um recipiente decorado com ornatos brunidos, nomeadamente retícula brunida. Poderá tratar-se de uma imitação de uma forma exógena, típica do centro e sul de Portugal, datada de entre os séculos XII

aos finais do século VII a.C. (Osório, 2013; Almeida, 2014; Osório *et al.*, 2013), pelo que o seu aparecimento em Santo António revela contactos suprarregionais com o centro-sul, durante o Bronze Final, provavelmente entre os séculos IX ou VIII a.C., momento de maior impacto das navegações fenícias no Noroeste. De notar que este é o segundo povoado da região onde aparecem cerâmicas deste tipo, sendo apenas conhecido um fragmento de cerâmica com ornatos brunidos nos níveis antigos da Falperra, em Braga (Bettencourt, 2000). Quanto à segunda ocupação, é provável que se tenha iniciado na Idade do Ferro Recente (séculos II a.C. e I d.C.), persistindo pelos inícios da romanização, de forma pouco expressiva, dada a fraca representatividade de material datável após o séc. I d.C. e a ausência de casas de planta quadrada ou retangular conhecidas neste povoado. De notar que Martins (1990: 169) coloca os inícios da romanização efetiva do Norte de Portugal, ou pelo menos no Vale do Cávado, a partir de meados do século I d.C.

Pela sua localização espacial podemos considerar, que aqui se desenvolveram, em ambos os períodos cronológicos, práticas agro-silvo-pastoris, extração de sal, para além de atividades metalúrgicas, comprovadas por cadinhos e moldes, estes apenas para a última fase. Embora as jazidas primárias de estanho referenciadas na bibliografia e cartografia, estejam a mais de 15 km para nordeste, na serra de Agra, e para sudeste, na serra de Perre (Teixeira *et al.*, 1972), no séc. XX foi extraído estanho no topo da serra de Santa Luzia, como é do conhecimento da população local. Também é de ter em conta que o estuário do rio Âncora, que nasce na serra de Arga e que fica nas proximidades do povoado de Santo António (cerca de 3 km para norte e noroeste), teria grande quantidade de estanho de aluvião, de fácil extração, tendo em conta o número de jazidas primárias deste minério nos territórios abrangidos por todo o seu percurso (Teixeira *et al.*, 1972). A localização geográfica deste povoado, face ao oceano atlântico, a cerca de 700 m de uma baía com possibilidade de ter sido usada para desembarque e que, ainda, na época moderna foi protegida por fortalezas, faz-nos pensar que poderia ter funcionado, também, como local receptor de novidades oriundas do mundo meridional ou como entreposto de bens, ideias e tecnologias. Tal poderia explicar, desde a Idade do Bronze Final, o aparecimento de recipientes cerâmicos exógenos ou a sua imitação, como é o caso do vaso com ornatos brunidos<sup>5</sup> e, mais tarde, a forma 2 de tipo Lamboglia, a ânfora de tipo Haltern 70, a cerâmica comum romana, entre outros.

O facto de existirem vários povoados, genericamente contemporâneos de Santo António, durante o Ferro Recente, num aro geográfico muito próximo, e com intervisibilidade entre eles, como é o caso da Cividade de Âncora/ Afife e do povoado do Cúturo<sup>6</sup> (Fig. 3), permite colocar a hipótese de que estes três sítios estariam articulados em rede, no quadro de uma lógica de povoamento muito vocacionada para o intercâmbio marítimo e onde cada sítio teria funções específicas. De destacar que, do topo da Cividade de Âncora/ Afife e do Cúturo, a visibilidade e “controlo” sobre o mar seria maior do que de Santo António, que se pode caracterizar com sendo um pequeno povoado de vale.

Outro assunto que importa abordar é o da relação entre as populações deste povoado, nos finais da Idade do Ferro inícios da romanização, com as genericamente contemporâneas de áreas mais meridionais (como as das bacias dos rios Lima e Cávado), e as mais setentrionais (como as da bacia do rio Minho e as das rias Baixas galegas), tema que se irá analisar através da tipologia das formas cerâmicas, da percentagem de olaria decorada e dos padrões decorativos.

Em termos tipológicos verifica-se, de uma forma geral, que as formas encontradas são similares às da bacia do Lima, Cávado e do Ave, nomeadamente as publicadas para os povoados de Terronha, em Viana do Castelo (Oliveira, 2018; 2019), São Julião e Barbudo, em Vila Verde (Martins, 1988b e 1989), Lago, em Amares (Martins, 1988a), S. João de Rei, em Póvoa de Lanhoso (Oliveira, 2017) e Santo Ovídeo, em Fafe (Martins, 1991). No entanto há novidades formais, tal como as formas de tipo Vigo, típicas das Rias Baixas meridionais da Galiza (Rey Castiñeira, 1991).

Em termos decorativos há um maior número de cerâmica decorada (21%)<sup>7</sup> face aos conjuntos conhecidos para os povoados do Lima, publicados de forma detalhada, como é o caso de Terronha, cuja % de decorações é apenas de 2% a 3% (Oliveira, 2018, 2019). Para a região do Cávado e do Ave, as percentagens da decoração são sempre bastante reduzidas. Tal é o caso do Lago onde a percentagem de decorações é de 6% (Martins,

---

<sup>5</sup>Não foram realizadas análises de composição de pasta, pelo que se torna difícil perceber se é um recipiente importado ou realizado no local, apesar de ter uma pasta de melhor qualidade e de textura mais fina do que os restantes recipientes.

<sup>6</sup>Desconhece-se a cronologia do castro de Montedo..

<sup>7</sup>Convém referir que a quantidade de espólio estudado neste povoado é bastante reduzida, contudo parece-nos interessante a quantidade de fragmentos decorados, comparativamente com os dos outros povoados.

1988a: 125). No caso de S. Julião, a percentagem de decorações é de 3% (38 fragmentos) segundo dados apurados a partir da publicação deste povoado (Martins, 1988b: 209). No Castro de Barbudo, Martins (1989: 112) só indica 29 fragmentos decorados, o que corresponde a 6%<sup>8</sup>. Em S. João de Rei, os fragmentos decorados correspondem a 3% dos fragmentos datados da Idade do Ferro Recente, o que corresponde a 148 fragmentos (Oliveira, 2017). No que diz respeito a Santo Ovídeo, Martins (1991: 97) refere que apenas se registam 81 de fragmentos decorados, o que corresponde a 1% do total estudado. Nota-se, ainda, em Santo António, um maior barroquismo decorativo, com diversas decorações complexas e o aparecimento da impressão de motivos figurativos, como o peixe (Fig. 21), cujos paralelos se encontram em recipientes cerâmicos da Idade Ferro das Rias Baixas meridionais galegas, onde são datados, possivelmente, de entre os séc. IV e II a.C., segundo Rey Castiñeira (2005), datas que, no seu limite superior, concordam com a amplitude cronológica proposta para o povoado de Santo António.

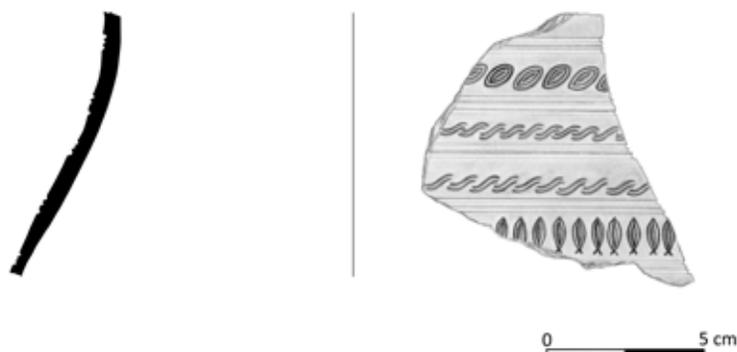


Fig. 21 - Fragmento cerâmico decorado, com sulcos incisos horizontais, eventuais motivos florais, impressos; séries de SSS impressas e uma série de figuras piscícolas com cabeça virada para cima.

Partindo do princípio de que formas e decorações cerâmicas materializam o universo ideológico das comunidades que as fabricam e usam, é provável que as comunidades dos finais da Idade do Ferro da bacia do rio de Afife se integrem num universo cultural distinto das populações do Lima e do Cávado, parecendo aproximar-se mais das da foz do rio Minho e das rias baixas meridionais galegas. No entanto, só novos dados poderão confirmar ou infirmar esta hipótese, nomeadamente o estudo monográfico do espólio da Cidade de Âncora e do Cúturo.

<sup>8</sup>Os dados aqui apresentados para os povoados estudados monograficamente por M. Martins, que são os de S. Julião, Barbudo, Lago e Santo Ovídeo não tiveram em conta os bojos, mas apenas os bordos, base, asas e fragmentos decorados, devido a falta de informações.

## **AGRADECIMENTOS**

Os nossos agradecimentos vão para a direção do Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife (NAIAA) que possibilitou o estudo deste espólio e cedeu fotografias e outros dados documentais. Agradece-se, igualmente, à direção e a todos os funcionários do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, que nos possibilitaram o acesso ao laboratório de restauro.

O primeiro autor agradece, ainda, à Fundação da Ciência e Tecnologia a bolsa de doutoramento com a referência SFRH/BD/138105/2018, no âmbito do qual desenvolveu este trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C.A.B. (2003). *Povoamento romano do litoral minhoto entre Cávado e o Minho*. 3 vols. Porto: edição de autor.
- ALMEIDA, C.A.B. (2008). *Sítios que fazem história. Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo*. vol. 1. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- ALMEIDA, S. (2014). Estilos e tendências na cerâmica de ornatos brunidos do sudoeste peninsular. In R. VILAÇA e M. SERRA (coord.) *Idade do Bronze do Sudoeste. Novas perspetivas sobre uma velha problemática*. Instituto de Arqueologia, Secção de Arqueologia, FLUC. Coimbra. Pp. 127-147.
- BETTENCOURT, A.M.S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Universidade do Minho, Braga (Tese de Doutoramento – Policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000). *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 11. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2013). O Bronze Final no Noroeste português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20. Pp. 157-172.
- BETTENCOURT, A.M.S; SILVA, I.; ALVES, M. I. C.; SIMÕES, P. P; SANTOS-ESTEVEZ, M. (2017). Where do the horses run? A dialogue between signs and matter in the rocha carvings of Fornelos (Viana do Castelo, North-western Portugal). In A.M.S BETTENCOURT, M. SANTOS-ESTEVEZ, H.A. SAMPAIO, D. CARDOSO (Eds.) *Recorded places, Experienced places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: Archeopress. Pp. 167-178
- COSTA, M.; MACHADO. J.; LOPES, H.; ALMEIDA, T. (2012). Pias salineiras da praia do Canto Marinho inventário arqueológico. *Cadernos Vianenses* 46, Pp. 95-111.
- MARTINS, M. (1988a). *O Povoado fortificado do Lago, Amares*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 1. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- MARTINS, M. (1988b). *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 2. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- MARTINS, M. (1989). *O Castro de Barbudo, Vila Verde*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 3. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- MARTINS, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. *Cadernos de Arqueologia - Monografias* 5. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- MARTINS, M. (1991). O Povoado de Santo Ovídio (Fafe). *Resultados dos trabalhos realizados entre 1980-1984*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 6. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- MEIRA, A.R. (1945) *Monografia de Afife*. Junta de Freguesia, Afife.
- MOREIRA, M.A.F. (1982). A romanização do litoral do Alto Minho. *Caminiana* 6. Pp. 54-56.
- OLIVEIRA, N. (2017). *O Povoado de São João de Rei, na Idade do Ferro Recente (Póvoa de Lanhoso, NW de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/48015>).
- OLIVEIRA, N. (2018). Contributos para o estudo do povoamento da Idade do Ferro no Rio Lima: Resultados nas

- escavações dos sectores A-D do povoado de Terronha, Viana do Castelo (Portugal). *Férvedes Revista de Investigación* 9. Pp. 87-96.
- OLIVEIRA, N. (2019). The Iron Age Settlement of Terronha (Viana do Castelo, Northwestern Portugal): Analysis of ceramic and lithic materials in context. *Heritage* 2 (1). Pp. 56-71.
- OSÓRIO, A.B. (2013). *Gestos e materiais: abordagem interdisciplinar sobre cerâmicas com decorações brunidas do Bronze Final / I Idade do Ferro*. 2 vols. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento – disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23778>).
- OSÓRIO, A.B.; SILVA, S.; FERNANDES, D.; SERRA, M.; PORFÍRIO, E.; VIEIRA, T.; VILAÇA, R. (2013). Atrás dos gestos: as cerâmicas decoradas do Outeiro do Circo (Mombeja, Beja, Portugal) e a ênfase nas decorações brunidas. In J. JIMÉNEZ AVILA, M. BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, M. GARCÍA CABEZAS (coord). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Ayuntamiento de Villafranca de los Barros*. Pp. 941-974.
- PAÇO, A., QUESADO, A.P. (1956). Digressões arqueológicas pelo Alto Minho. *Arquivo do Alto Minho* 6 (2). Pp. 168-179.
- REY CASTINEIRA, R. J. (1991). *Yacimientos castreños de la vertiente atlántica. Análisis de la cerâmica indígena*. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento - Policopiada).
- REY CASTIÑEIRA, R. J. (2005). A cerâmica castrexa. *Arte e cultura de Galicia e norte de Portugal. Arqueoloxía* 2. Pp. 56-83.
- REDENTOR, A.J.M (2011). *A cultura epigráfica no conventvs Bracaravgvstanvs (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*. 2 Vols. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- RODRIGUES, J.M.C. (2005). *Relatório do inventário dos sítios e achados castrejos na região do Minho*. Viana do Castelo. (Relatório apresentado ao IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico).
- SANTOS-ESTÉVEZ, M., BETTENCOURT, A.M.S. (2017). O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal). Embarcações, armas, cavalos e ex-votos. In J. MORAIS ARNAUD e A. MARTINS (coord.) *Arqueologia em Portugal 2017 - Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa. Pp. 1069-1084.
- SARMENTO, F. (1987). Antiqua, Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Informes, reconhecimentos e prospeções. *Revista de Guimarães* 97-98. Pp. 5-40.
- SILVA, A.C.F. (1986). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal, Paços de Ferreira.
- SILVA, M.F.M., OLIVEIRA, P.C.P. (1999). Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmiento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa). *Revista de Guimarães*, Vol. Esp. II. Pp. 633-659.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C.; COELHO, A.V.P (1972). *Carta geológica de Portugal na escala 1/50.000: notícia explicativa da folha 5-A, Viana do Castelo: estudos petrográficos*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- VIANA, A. (1955). Um *lapidarius* de Afife (Viana do Castelo) (Portugal). In III *Congresso Arqueológico Nacional, (Galicia, 1953)*. Sección de Arqueología de la Institución Fernando el Católico”, Secretaría General de los Congressos Nacionales, Zaragoza. Pp. 525-528.